

O quarto
mal-assombrado

O quarto mal-assombrado



A.L.O.E.


GADEL

São Paulo, SP

Copyright © 1876, A.L.O.E.

Título do original: The Haunted Room

Todos os direitos desta edição reservados para

EDITORIA GADEL

Avenida Paulista, n. 1471, sala 1110

São Paulo, SP — CEP 01.311-927

www.editoragadel.com.br

1.^a edição, 2025

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Tradução e edição de texto: *Paula Jacobini*

Capa e diagramação: *Marcos Jundurian*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tucker, Charlotte Maria

O quarto mal-assombrado/Charlotte Maria Tucker; tradução
Paula Jacobini. – 1. ed. – São Paulo: Editora Gadel, 2025.

350 p.: il., 21 cm

Título original: The haunted room.

ISBN 978-65-83273-04-8

1. Ficção inglesa I. Título.

25-257579

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129





Sumário

Prefácio (1875).....	7
Um lar agradável.....	9
Chegando a uma decisão.....	21
Fofocas no andar de baixo.....	31
Preparação para a partida.....	43
Quartos assombrados	51
Três advertências	67
Confiança.....	75
A viagem	83
Novo conhecido.....	93
Um coração fraco	103
Noite e manhã.....	119
O estranho	129
Trabalho.....	145
Primeiras impressões	157
A primeira visita	167
Tentar de novo	183
Cuidados e erros.....	191



Sim ou não.....	199
O eclipse.....	213
Um alarme.....	225
Indecisão.....	237
O quarto mal-assombrado	245
A morte.....	255
Um erro.....	265
Notícias estranhas.....	273
O fraco	287
Uma viagem noturna	303
A reunião dos irmãos.....	315
Acusado de crime	323
Temor na balança	333
Mudanças	341



Prefácio (1875)

É sob circunstâncias peculiares que A. L. O. E. envia este pequeno volume à editora. Enquanto ele está sendo impresso, sua autora está se preparando para entrar em um novo campo de trabalho no Oriente, como membro honorário da Missão Zenana, na Índia. Por meio de seus escritos anteriores os leitores podem estar cientes do fato de que a causa missionária tem sido muito apreciada por A. L. O. E. Ela agora espera que lhe seja permitido dedicar sua velhice a essa causa. A Índia lhe é querida por causa de vínculos familiares, pois lá seu venerado pai e, posteriormente, seus filhos, viveram e trabalharam, e naquela terra repousa o pó de pessoas queridas que dormem em Jesus.

Se houver, como ela espera, uma espécie de vínculo entre uma escritora e aqueles que conhecem suas obras, será que A. L. O. E. pode se aventurar a reivindicar alguma participação nas orações de seus leitores? Será que ela pode

esperar que eles peçam por ela sabedoria, humildade, zelo e sucesso? Seria muito bom para alguém que está lutando com a dificuldade de aprender um novo idioma saber que muitos se juntaram à súplica “Ó, Senhor, abre os lábios dela para que sua boca possa anunciar o Teu louvor!” e que muitos suplicaram Àquele cuja força se aperfeiçoou na fraqueza para que Sua serva ganhe pedras preciosas indianas para colocar a Seus pés.

A. L. O. E.



Um lar agradável

“Um ninho agradável que meu cunhado encontrou para sua família”, disse o capitão Arrows para si mesmo, enquanto, com a bolsa de viagem na mão, caminhava a curta distância de uma estação ferroviária até a casa de seu parente. “A casa de Trevor fica perto o suficiente de Londres para que seus moradores cheguem a Charing-Cross de trem em quinze minutos e, ainda assim, longe o suficiente para ficarem fora do alcance de sua fumaça e de seu barulho. Ou nem tanto”, acrescentou o capitão ao passar por um músico de rua com uma viela-de-rola¹ e um macaco, e depois foi ultrapassado por um ônibus bem cheio por dentro e por fora, “mas duvido que nossos jovens teriam gostado de uma completa reclusão rural, ou que teriam desejado morar a oitenta quilômetros da Grande

¹ Instrumento musical de cordas tocado por uma espécie de manivela.

Exposição e do Albert Hall. Enquanto ocupar seu cargo no governo, Trevor não poderá morar longe de Londres; e, ao escolher sua residência aqui, ele fez um agradável arranjo entre a cidade e o campo. Esta é uma casa tão bonita quanto o coração poderia desejar”, pensou o capitão, enquanto, da encosta de uma colina, avistava uma bela vila, em estilo elisabetano, situada em seu próprio terreno.

“Esses alegres canteiros de flores, com suas formas geométricas e flores desabrochando, mostram a engenhosidade de Bruce e o gosto de Emmie. As alças de croquet no gramado e o alvo no campinho ao lado testemunham sobre vidas vividas com tranquilidade e prazer. Talvez seja uma questão de saber se essas vidas são de fato as mais desejáveis para nossos rapazes e moças”, assim o capitão continuou suas reflexões enquanto descia a colina. “Simplesmente passar a juventude da forma mais agradável possível parece não ser a melhor preparação para a dura campanha da existência. Não treinaríamos os recrutas de nosso exército em Arcádia. Seria um problema interessante – se tivéssemos os meios para resolvê-lo – descobrir até que ponto nosso caráter é formado por nosso ambiente, assim como as qualidades físicas são afetadas pelo clima. Será que o contato precoce com dificuldades e perigos teria fortalecido nossa adorável Emmie, transformando-a em uma heroína, ou feito de Vibert um homem reflexivo e abnegado? Quanto a Bruce, ele tem em si tanto da natureza de um carvalho

jovem, que o ar mais assolador não poderia lhe roubar todos os nós e a resistência da madeira maciça. Outro problema curioso a ser resolvido seria: até que ponto uma existência fácil e luxuosa na juventude é de fato conducente à felicidade? Será que a perspectiva de uma encosta desolada não é mais bela, assim como seu ar mais revigorante, do que a do jardim das Hespérides? Quando a mente não tem dificuldades reais com as quais lutar, a imaginação costuma crescer com a exuberância da vegetação tropical. A preocupação, a superstição e a ansiedade com relação a ninharias tomam o lugar de provações sérias; e a criança de luxo, para parodiar a bela frase de Johnson, ‘Faz a miséria que não encontra’.

O capitão não teve mais tempo para suas reflexões, pois, ao abrir o portão da Summer Villa, sua aproximação foi vista da casa, e dois de seus moradores se apressaram em ir ao encontro do tio favorito. Uma graciosa donzela corria levemente pelo caminho de arbustos, seguida por seu irmão mais novo, um belo rapaz de dezesseis ou dezessete anos de idade.

— Ah, o senhor é muito bem-vindo; ficamos muito felizes ao receber seu telegrama e saber que sua longa viagem havia terminado! — exclamou Emmie ao cumprimentar carinhosamente o irmão de sua mãe.

— Temos muito a lhe dizer, capitão — disse Vibert Trevor, apertando cordialmente a mão do hóspede

recém-chegado. — John não está, então deixe-me levar sua bolsa de viagem para dentro da casa.

Essa foi uma oferta de serviço bastante notável feita por Vibert. O capitão a aceitou com um sorriso, pois Vibert era pouco acostumado a fazer o papel de carregador.

— Onde está Bruce? — perguntou Arrows. — Quanto ao seu pai, suponho que ele esteja em seu escritório em Londres.

— Não, papai não está em seu escritório — respondeu Emmie, passando o braço pelo do tio. — Mas entre em casa e tome um refresco, e, enquanto o senhor o toma...

— Vamos lhe contar toda a história — exclamou Vibert, com ares de quem tem uma grande notícia para contar.

Enquanto os três entram em Summer Villa, vamos fazer uma pausa e dar uma olhada neles por alguns instantes.

O capitão Arrows é um oficial da marinha. Ele mal chegou à meia-idade e parece jovem para ser chamado de “tio” pela moça que descansa em seu braço ou pelo seu alto irmão que está ao seu lado. O rosto do capitão, bronzeado pelo sol e pelo vento, não é facilmente esquecido, de tão afiados e penetrantes são os olhos escuros que fitam sob as sobrancelhas salientes. Às vezes, uma expressão de sátira aparece nos lábios finos, mas uma sátira moderada e controlada. A impressão transmitida pela aparência e pelos modos de Arrows revela algo como: “este é um homem de caráter, um homem de decisão, um observador perspicaz, que parece estar fazendo anotações para um livro que

satiriza as loucuras da humanidade". Mas há uma franqueza gentil no marinheiro que tende a neutralizar a sensação de barreira que poderia ser sentida em sua companhia. Se ele carrega a espada afiada da inteligência consigo, ela está embainhada na bainha da boa índole.

Arrows nunca parece mais gentil ou suaviza seu tom de voz com mais delicadeza do que quando se dirige à filha sem mãe de uma irmã que ele amava e pela qual esteve de luto. Emmie é, de fato, uma pessoa que atrai o afeto das pessoas ao seu redor. Seu rosto não é apenas bonito, mas tem a doçura de expressão que é mais cativante do que a beleza. Seus cabelos castanhos-escuros macios não apresentam as massas disformes prescritas pela moda moderna, prejudicando o contorno clássico de uma cabeça graciosamente formada. Gentil, carinhosa e apegada: o tipo de donzela que pode ser encontrado nos perfumados jasmins brancos que enfeitam a varanda de sua agradável casa. As colegas de escola de Emmie a adoram; nenhuma delas consegue se lembrar de uma palavra áspera ou indelicada dita pelos lábios da gentil garota. Seus irmãos a amam; Emmie compartilha seus interesses e se junta a eles em seus divertimentos, sem nunca deixar de lado aquela suavidade feminina que, como a penugem do pêssego, é para a mulher um dos maiores encantos. Bruce não teria gostado de ter uma "garota atirada" como irmã quase tanto quanto o Sr. Trevor teria desaprovado que sua filha ganhasse esse

título. As gírias que algumas moças modernas usam teriam soado nos lábios de Emmie de forma tão surpreendente quanto o som de um trompete de criança tocando uma melodia de Beethoven.

Na aparência, Vibert Trevor se parece com sua irmã, mas um traço que é agradavelmente feminino na mulher parece um tanto efeminado no menino. Menino! Como a palavra pôde escapar de minha caneta? Vibert, pelo menos em sua própria opinião, deixou a infância há muito tempo. Seus cabelos castanhos, cuidadosamente divididos ao meio, caem de cada lado de um rosto que seria singularmente bonito, a não ser pela boca um pouco cheia demais. O rapaz está vestido de maneira elegante e de bom gosto. Quando há um pequeno toque de cafonice em sua aparência, é tão leve quanto o cheiro que um charuto de qualidade deixou em suas roupas.

— Sem mais bebidas para mim, obrigado; já tomei algumas em Londres — disse o capitão em resposta a uma oferta de sua sobrinha quando entraram juntos na casa.

— Então, vamos para a sala de visitas — sugeriu Emmie.

— Papai e Bruce estão a caminho no próximo trem de Wiltshire. Papai escreveu que eles chegariam aqui uma hora antes da hora do jantar.

Uma sala de estar alegre era a que dava para o gramado da Summer Villa, iluminada pelo rico brilho do sol de setembro, que estava prestes a se pôr. A luz vermelha

cintilava no globo de cristal em que os peixes dourados estavam deslizando e dava vivacidade ao verde das graciosas samambaias que ornamentavam as duas janelas. O piano de Emmie estava aberto, com uma peça musical sobre ele. Emmie era uma entusiasta da música. Ela teve que tirar o violão do sofá onde o havia deixado para dar espaço para o tio se sentar ao seu lado. A cesta de Emmie, com seus crochês, estava sobre a mesa, e os vestígios de seu último trabalho, na forma de contas caídas e pedaços de lã alemã brilhante, estavam espalhados pelo tapete macio. Emmie sentiu, em vez de ver, que os olhos de seu tio detectaram a pequena desordem; o oficial da marinha era “tão terrivelmente arrumado”!

— Agora, vamos às suas notícias — sugeriu o capitão, sentando-se ao lado da sobrinha, enquanto Vibert se jogava em uma poltrona — Vibert geralmente escolhia, como que por instinto, a cadeira mais luxuosa da sala.

— O que o senhor diria se papai desistisse do cargo, deixasse Summer Villa para sempre e nos levasse para sermos enterrados vivos? — exclamou Vibert.

— Em Labrador ou na África equatorial? — perguntou o capitão.

— Não é tão ruim quanto qualquer um desses desertos distantes — riu Vibert. — Myst Hall não fica nem a 160 quilômetros de Londres, e Wiltshire não está totalmente fora do alcance da vida civilizada.